

MARÉ VIVA

Director: VÍCTOR SOUSA

SEMÁRIO

ANO II — N.º 49 — Preço 3\$50 — 16/6/77

DE SEMANA A SEMANA UMA RÉSTEA DE ESPERANÇA

O dr. Mário Soares, ao tentar caracterizar o «país político» e o «país real» que disse coexistirem, neste momento, em Portugal, identificou o segundo com aqueles que trabalham e, a certo passo da sua comunicação, declarou que «é preciso que o país real faça ouvir a sua voz».

É evidente que, para que alguém faça ouvir a sua voz, são necessárias duas condições: que haja uma emissão de voz em tom audível e que o destinatário das palavras que se pronunciam não seja surdo.

Que o «país real» se tem queixado muitas vezes das suas dificuldades, do aumento constante do custo de vida, da diminuição dos seus salários reais, do desemprego que o atinge, é um facto do domi-

nio público de que a imprensa progressista do país se tem feito eco. E que, por outro lado, as organizações sindicais dos trabalhadores tudo têm tentado para fazer ouvir a voz dos trabalhadores e defender os seus legítimos interesses, provam-no as inúmeras diligências de sobejo conhecidas.

O que falta então para que a sua voz se faça ouvir, como preconiza o primeiro-ministro? Apenas e simplesmente que os ouçam.

O dr. Mário Soares, através desta comunicação ao país, deixou-nos a impressão dum certo desejo de abertura ao diálogo com os trabalhadores e as suas associações de classe.

Visivelmente desiludido com a direita, que

Continua na página 3

Festival de Jazz

— UM PREÇO MUITO ALTO

Espinho teve, no último fim-de-semana a sua primeira experiência como cenário duma manifestação musical e social de características inéditas entre nós: um Festival de Jazz. Do ineditismo apercebeu-se a generalidade da população, mesmo a que não foi ao Pavilhão da Associação Académica. A experiência ficou. E já altura para perguntar: valerá a pena repeti-la? Vejamos.

O jazz é uma forma de cultura musical que merece ser conhecida e apreciada como tal e houve de facto, desta vez, a oportunidade disso ser feito.

A presença de Cecil Taylor foi a constatação da riqueza de expressão e comunicação que o jazz contém, quando interpretado pelos seus mais genuínos representantes. Com Buck Clayton recuou-se um pouco na história duma cultura musical que se transforma com transformação do seu «habitat». O quarteto português Zanarp serviu para demonstrar que não se assimilam formas de cultura do mesmo modo que se importam «blue-jeans». Finalmente, os ingleses Soft Machine, transformados em primeiras fi-

Continua na página 5

FEIRAS, EXPOSIÇÕES mas... quem chega aos livros?

Estamos em altura de feiras de livro. Vá lá que, ao menos uma vez por ano, se podem comprar livros com 20% de desconto. O mesmo acontece todos os meses para a carne, para a fruta, para o bacalhau...

Além de outras, há três condições necessárias para ler um livro: 1 - saber ler; 2 - gos-

tar de ler (e ter tempo); 3 - conseguir um livro.

Ainda há por este país quem não saiba ler. Ainda há analfabetos. Mas há muitos outros que, sabendo juntar o b ao a e dizer ba, continuam na mesma analfabetos. Não chega conhecer as letras e saber juntá-las,

Continua na página 3

ESPINHO



VALENTE!



Antes, o vento e a chuva a «temperar» a vontade duma equipa. Depois, a alegria, o calor do entusiasmo popular a fazer esquecer o mau tempo e a mostrar quanto poderá valer a unidade entre público e atletas.

Hospital em discussão

No passado dia 30 de Maio deslocaram-se ao Hospital de Espinho para uma reunião com a Comissão Instaladora do Hospital, o Director de Saúde do Distrito de Aveiro, dr. Afonso e Cunha, dr. Coutinho da Costa, Inspector da Direcção de Construções Hospitalares (Zona Centro) e eng.º Coutinho dos Santos, da Direcção de Construções Hospitalares (Zona Centro), a fim de ser debatido o assunto de ampliação do Hospital para efeito de elaboração de projecto.

Depois da reunião, foram recebidos os representantes da Imprensa local, aos quais o Inspector dr. Coutinho dos Santos declarou que aquela reunião de trabalho tinha sido acordada em contactos anteriores com a Comissão Instaladora. Adiantou que fora objectivo da reunião estudar as necessidades do Hospital, no sentido de ser feito um estudo de projecto de ampliação em que sejam consideradas as integrações do Centro

de Saúde e do Posto Médico da Previdência Social no edifício hospitalar, em conformidade com as estruturas globais definidas superiormente, que venham a permitir uma maior eficiência na prestação de cuidados médicos à população.

Acrescentou que esse facto não impedirá o funcionamento de outras valências existentes que deixarão de fazer parte do esquema previsto, pois o Hospital continuará a prestar os mesmos serviços, até que a longo prazo sejam criadas as estruturas a níveis distritais devidamente equipadas que respondam qualitativamente e em capacidade às necessidades da população.

Terminou afirmando que, futuramente, embora ainda não determinado oficialmente, deverá ser inserido na área do Porto, pois na sua opinião tudo indica para essa solução, o que na altura foi confirmado pelo Director de Saúde de Aveiro.

Encontro Interconcelhio da Juventude Trabalhadora

Por iniciativa do Departamento Juvenil da União dos Sindicatos de Aveiro, decorreu nas últimas semanas o Encontro Interconcelhio da Juventude Trabalhadora, que reuniu jovens trabalhadores de vários concelhos do distrito de Aveiro.

Em encontro com a Imprensa representantes da Comissão Organizadora expuseram os objectivos e o modo como decorreu o Encontro.

Começaram por esclarecer que não se tratava de facto dum Encontro Distrital, dada a dificuldade de transportes acessíveis e rápidos para todos os jovens do Distrito, pelo que se decidiu limitar o Encontro aos concelhos do norte do Distrito (Espinho, Ovar, S. João da Madeira e Vila da Feira), a participação de representantes da sede do distrito.

Os objectivos deste Encontro foram sintetizados nas seguintes linhas formais: procurar a mobilização da juventude trabalhadora para as tarefas que se lhe oferecem, nomeadamente pela participação activa e organizada ao Movimento Sindical, pela colaboração com as lutas gerais dos outros trabalhadores e pela sua mobilização, enfim, em torno dos grandes problemas com que deparam os trabalhadores portugueses. As últimas semanas foram dedi-

cadas pura e exclusivamente à mobilização dos jovens junto das fábricas, com realização de plenários para esclarecimento e discussão das teses propostas: o jovem trabalhador e o Movimento Sindical, o jovem trabalhador e os tempos livres, o trabalhador-estudante e o jovem trabalhador na Europa.

Dificuldades neste trabalho (por exemplo, a não cedência da EICE para um plenário de trabalhadores-estudantes) não impediram que se espere que cerca de 200 delegados tenham estado presentes na sessão de encerramento do Encontro, que decorreu no passado domingo, dia 12, com a aprovação final das teses.

Dos resultados finais da sessão de encerramento procuraremos dar notícia no próximo número.

Não quiseram os membros da Comissão Organizadora terminar, sem deixar expresso que este Encontro Interconcelhio da Juventude Trabalhadora não terminou, nas suas consequências, no último domingo, pois dele se irão tirar, com certeza, bons frutos para a organização e mobilização dos jovens trabalhadores do distrito. Assim aconteceu, aliás, em encontros análogos que já se efectuaram no Minho, Porto, Lisboa-Setúbal e Portalegre.



NOTÍCIAS

Semana da Ecologia no Liceu de Espinho

Passou quase despercebida uma iniciativa importantíssima no Liceu de Espinho: a «Semana de Ecologia», organizada pelo Grupo de Intervenção Cultural, um conjunto de estudantes e professores do Liceu que insistem (salutarmente) na saída do marasmo em que, culturalmente, a maioria do nosso povo continua a mergulhar.

Apoiaram essa «semana» (uns mais, outros menos) a Comissão Directiva do Liceu, a Associação de Estudantes do Liceu, as Comissões de alunos dos Cursos Complementares do Liceu, a Escola Superior de Belas-Artes do Porto, o Movimento Ecológico Português, a Câmara Municipal de Espinho, o Centro de Estudos, Educação e Cultura do Porto, as Cooperativas «Pirâmide» (Porto), «Árvore» (Porto) e «Nascente» (Espinho) e ainda a Editora Afrontamento e o professor A. Jacinto Rodrigues (E.S.B.A.P.-Porto).

Não vamos fazer aqui uma análise exaustiva do que aconteceu e do que não aconteceu nessa «semana», organizada de 30 de Maio a 5 de Junho (Dia Mundial do Ambiente). Salientamos apenas alguns pontos:

- 1 — Estiveram patentes exposições sobre o tema, assim como uma exposição de recortes e gravuras, algumas elaboradas e apresentadas por estudantes e professores do Liceu. Houve projecção de filmes. Houve colóquios: um, sobre Ecologia foi orientado pela professora Maria do Carmo Saraiva, outro, sobre poluição, foi orientado pelo professor Agostinho Chaves. Outro ainda, sobre alimentação macrobiótica foi orientada por elementos da Cooperativa Pirâmide. Este último foi acompanhado por uma sessão alimentar. Foi distribuída aos alunos, gratuitamente, uma brochura elaborada especialmente para a «semana» e houve bancas com diversos textos de apoio e obras, vendidas a preços especiais.
- 2 — Em relação à organização, ela foi deficiente. Isso não

justifica, todavia, o desinteresse manifestado pela cidade que compareceu no Liceu em fraquíssima concorrência. E é de notar que o programa era bem explícito: a «semana» era aberta a toda a população de Espinho. Todavia o interesse da cidade pelo tema foi, realmente, escasso.

De estranhar também que a Comissão Directiva do Liceu e a Associação de Pais do Liceu tivessem criado algumas inesperadas dificuldades aos organizadores, especialmente se atentarmos que a Comissão Directiva tinha dado o seu apoio a esta iniciativa. Com efeito a A.P.E.L.E. impediu um colóquio sobre «Resíduos Nucleares» a ser orientada por Alfredo Pendão, ao realizar paralelamente, sem respeitar a «semana», uma actividade, no Liceu, sobre «Ambiente». Por outro lado a Comissão Directiva do Liceu não permitiu que os alunos diurnos assistissem à programada projecção de «slides» e esclarecimentos a serem prestados por elementos da E.S.B.A.P. com o «ingénuo» argumento de que teria que se interromper por uma hora o funcionamento do Liceu. Assim, com excepção da

continua na página 3



farmácias

- QUINTA - Farmácia Santos
Rua 19 n.º 263 — Tel. 920331
- SEXTA - Farmácia Paiva
Rua 19 n.º 319 — Tel. 920250
- SÁBADO - Farmácia Higiene
Rua 19 n.º 393 — Tel. 920320
- DOMINGO - Grande Farmácia
Rua 62 n.º 457 — Tel. 920092
- SEGUNDA - Farmácia Teixeira
Rua 19 n.º 46 — Tel. 920352
- TERÇA - Farmácia Santos
Rua 19 n.º 263 — Tel. 920331
- QUARTA - Farmácia Paiva
Rua 19 n.º 319 — Tel. 920250

MARÉ VIVA

SEMANARIO

Propriedade:

NASCENTE — COOPERATIVA DE ACÇÃO CULTURAL, S. C. R. L.

Fizeram este número:

Agostinho Chaves, Albertino Pinheiro, Alvaro Mendes, Ana Maria, António Letra, Augusto Mota, Dário Capela, Fausto Neves, Joaquim Fidalgo, José Cruz, Morais Gaio e Victor Sousa.

Colaboração especial:

Carlos Pinhão e João Martins

Composição e impressão:

TIPOGRAFIA MENESES — COOPERATIVA GRÁFICA DE ESPINHO, S.C.R.L.
RUA 14 N.º 903 — TELEF. 921016

Director:
VICTOR SOUSA

Redacção:
RUA 62 N.º 251 - 1.º
TEL. 921621 — ESPINHO

I Assembleia Concelhia do PCP

“No cumprimento das decisões tomadas no VIII Congresso do Partido Comunista Português, a Comissão Concelhia de Espinho do P. C. P. realiza no próximo dia 18 de Junho, pelas 15 horas, na Lota do Peixe a I Assembleia Concelhia de Espinho para análise e balanço da actividade da

organização e eleição da nova Comissão Concelhia.

A partir das 21,30 horas realiza-se uma sessão pública de apresentação da nova Comissão Concelhia, finalizando com uma intervenção de António Dias Lourenço, membro do Comité Central e director do «Avante!» e uma sessão de Canto livre”.

DE SEMANA A SEMANA

não há concessões que a calem, e com a reacção que é agora quem mais reclama, e preocupado com o recrudescimento do fascismo e dos pasquins reaccionários que «utilizam a liberdade para combater a liberdade», o dr. Mário Soares reconhece publicamente, e com ênfase, que a recuperação económica não é possível sem a colaboração dos trabalhadores e afirma a necessidade do diálogo entre estes e o Governo.

Será que, vencida a

continuação da página 1

obsessão dos «perigos do gonçalvismo», se vai encetar num diálogo franco e actuante entre o Governo e os trabalhadores cujos interesses são os da esmagadora maioria do povo português?

Foram muitas ainda as contradições em que se afundou o pensamento do primeiro-ministro para, das suas palavras, se poder tirar com segurança tal conclusão. Mas deixou-nos ao menos uma réstea de esperança.

Mas... quem chega aos livros?

para saber ler. Saber ler é perceber, é entender a relação entre o que está escrito e o que existe na realidade. E isso é mais difícil do que parece. Sobretudo para quem apenas sabe assinar o nome, para quem fez a 4.ª classe e nunca mais teve possibilidade de continuar a ler e a escrever. Quantos há nessas condições...

Gostar de ler também não é coisa que pertença a muita gente. Há muito mais quem goste de ir ao futebol, de ouvir música, de ver cinema. E talvez com razão. O futebol descansa, descansam a música e o cinema. Mas ler, para quem nunca a tal foi habituado, custa! É chato! Nisto, como em todas as coisas, é preciso aprender. Mas uma pessoa que aprende, gosta. E se gosta, lê. Se lê, aprende ainda mais coisas. Deixa a ignorância, põe-se a pensar. Pensando, discorda. Discordando, protesta. Intervém. Participa. Faz. E quantos anos passaram «eles» a tentar que a gente não interviesse, não participasse, a tentar fazer-nos assistentes aplaudindo os mestres.

Para conseguir um livro é preciso dinheiro. E quando ele é pouco para o alimento do corpo, como é que vai sobrar

Continuação da página 1

para o alimento de espírito? «Nem só de pão vive o homem». Pois é, mas se lhe tiram o pão, lá vai o homem e lá vai tudo. Vocês já repararam para o preço a que estão os livros? Nove em cada dez títulos actualmente publicados custam mais de 100\$00! E 100\$00 dá para meio quilo de boa carne, daquela que se come aos domingos, e nem todos.

Livros de bolso, acessíveis, são poucos. E de pouca qualidade, muitas vezes. Em tempos, tínhamos no jornal a secção «Um livro bom, um livro barato». Pois não calculam as voltas que tínhamos de dar à cabeça todas as semanas para conseguir algum livro bom e a preço acessível. Bom e barato? Foi tempo...

Comprar livros, portanto, está fora de causa. Mas então, não se lê?

Há outras possibilidades. Uma, de muito interesse mas pouco espalhada no nosso país, é a das Bibliotecas. E talvez seja novidade para alguns dos leitores: em Espinho há uma biblioteca, sabiam? É dela que vamos falar numa das próximas semanas. Até lá... procurem saber onde ela fica!...

SEMANA DE ECOLOGIA

Continuação da página 2

apreciação das exposições, a «semana» acabou por contemplar, quase exclusivamente, os estudantes dos cursos nocturnos. O que se lamenta.

3 — Um aspecto importante: normalmente as Comissões de alunos e as Associações de Estudantes organizam bailes, récitas (de conteúdo discutível), rifas, excursões, piqueniques, etc.

Os alunos do Liceu de Espinho mostraram uma faceta nova:

apoio a uma iniciativa virada para um dos aspectos problemáticos mais importantes do nosso tempo: a Ecologia. Sinal de que estão vivos e dispostos a lutar contra a poluição mental. Dispostos a enfrentar os problemas e não fugirem a eles. E isso é a melhor prova de que o futuro está neles e legitimamente lhes pertence. Apesar dos espantelhos que ainda remexem no mundo do passado e do obscurantismo...



S. PEDRO

Dia 16, Quinta-feira

«Chove em Santiago»

Maiores de 18 anos

O Chile, o derrube do governo socialista de Salvador Allende que deu origem à instauração da sangrenta ditadura de Pinochet. Um filme do búlgaro Helvio Sotelo que pretende retratar os factos ocorridos em Setembro de 1973 e que tem conseguido grande êxito junto de nós. Contudo um acontecimento desta envergadura é tratado numa forma um tanto ambígua, entrando no estilo policial, sem procurar a fundo as razões do golpe de Estado, a quem serviria, quem o apoiava, quem o comandava dos bastidores. Daí que lhe tenhamos de conferir um interesse relativo.

Dia 17, Sexta-feira

«Os Jovens Leões»

Maiores de 13 anos

Marlon Brando, Montgomery Clift e Dean Martin, três actores americanos de grande classe interpretam um filme com certas qualidades, mas que define a guerra como espectáculo, não como fenómeno social e político que é.

Dia 18, Sábado

«Assassinos de Elite»

Maiores de 13 anos

Pois, «assassinos de elite» também temos por cá muitos, livres como passaros, manobrando à vontade, arremessando bombas, comprando e vendendo armas, colaborando para o regresso do passado. Para quê mais, ainda que em cinema?

Dia 19, Domingo

«Lucky Lady»

Maiores de 18 anos

Ainda que Liza Minelli seja uma boa actriz, uma melhor cançonetista, não consegue conferir grandes qualidades a este filme, que não passa numa meia vulgaridade, não conseguindo despertar o interesse do espectador.

Dia 21, Terça-feira

«A Virgem e o Sortilégio»

Maiores de 18 anos

Não confunda o realizador com Louis Bunnuel, o categorizado cineasta espanhol. Se fôr à procura de bom cinema, apanha uma desilusão. E fartos de desilusões estamos todos!

CASINO

Dia 16, Quinta-feira

«A Marquesa d'O...»

Maiores de 13 anos

Eric Rohmer consegue dar-nos uma reflexão profunda sobre os sentimentos humanos, indo bem fundo ao íntimo dos personagens, criando uma obra bela, ainda que complexa, de difícil leitura, pouco acessível.

Dia 17, Sexta-feira

«Fim-de-Semana Legítimo»

Maiores de 18 anos

Dino Risi, o realizador, Marcello Mastroianni e Oliver Reed, os interpretes. Ao fim e ao cabo uma sátira bem conseguida, a merecer a sua atenção.

Dias 18 e 19, Sábado e Domingo

«Fogo Real»

Maiores de 18 anos

Os filmes indianos, no que se refere a receitas têm conseguido grande êxito. Mas lotações esgotadas não significam qualidade. E estas películas não são más, não são medíocres, não são ambíguas, são péssimas, profundamente péssimas.

Dia 20, Segunda-feira

«Pepe»

Maiores de 10 anos

Cantinflas na altura em que foi usado por Hollywood como produto rentável. Muito aquém da pureza, do cómico bem conseguido dos seus primeiros filmes.

Dia 22, Quarta-feira

«O Triunfo de Casta Susana»

Maiores de 13 anos

Esta Casta Susana já está tão gasta, tão gasta, depois de passar por tantas mãos, que o melhor é não lhe darmos qualquer atenção. Passe ao largo!

FONSECA

TECIDOS — MODAS

Rua 19 n.º 275 - Tel. 920413

ESPINHO

Talho e Charcutaria

CENTRAL

Servir bem — Boas carnes

Rua 15 n.º 268 - ESPINHO

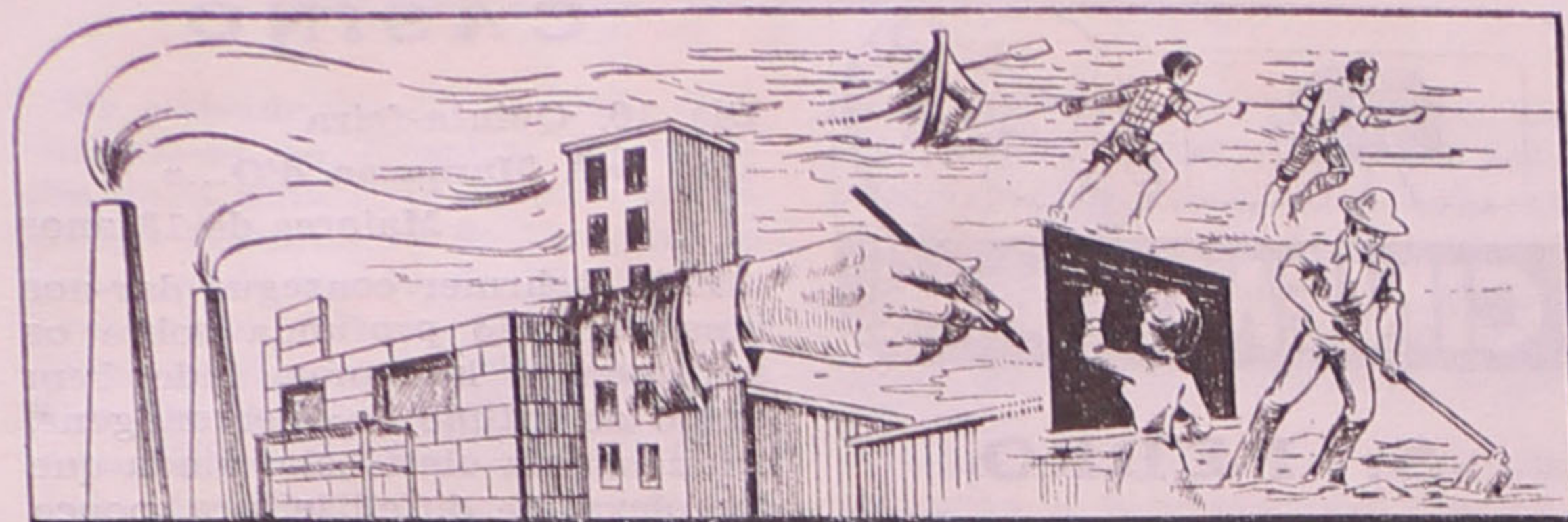


Pá velha

Confeitaria * Charcutaria

Especializada em caladinhos - raivinhas - fogaças (tabuleo diário)

Ângulo das ruas 23 e 20 - Tel. 922514 - ESPINHO



TRABALHO

Sindicatos Texteis

— analisam revisão do C. C. T.

Há vários meses que cerca de 300.000 trabalhadores do sector textil lutam pela revisão do seu contrato colectivo de trabalho, em moldes que defendam os seus legítimos direitos, que respeite, principalmente, os direitos adquiridos e permita fazer frente ao terrível aumento do custo de vida.

Em reunião realizada em Coimbra, no passado dia 8, os dirigentes sindicais do

sector aprovaram a participação da Comissão Negociadora Sindical na Comissão Técnica que elaborará a respectiva portaria de regulamentação de trabalho.

Entretanto, afirmando o desejo de que a referida portaria respeite os verdadeiros interesses dos trabalhadores, serão levadas a efeito manifestações nos locais de maior concentração de trabalhadores texteis.

« OLIVA »

— trabalhadores retomam o trabalho

Em plenário realizado na empresa, os trabalhadores da «OLIVA» resolveram levantar a paralização que durava há cerca de uma semana, uma vez conseguidas garantias de pagamento dos salários que lhes eram devidos.

A Direcção da empresa comprometeu-se a liquidar 50% do 13.º mês até ao fim de Junho, bem como a regularizar todos os salários em atraso até final de Julho. Para o efeito, terá sido conseguido um plano de financiamento através da

Banca Nacionalizada que permitirá, também, fazer frente à aquisição de matérias primas imprescindíveis à laboração da empresa.

Os trabalhadores que se encontravam parados como protesto pela falta de pagamento dos seus salários e contra a forma como o Governo tem encarado a situação da empresa, comprometeram-se a compensar os dias de paralização através de um programa de produtividade a elaborar com a participação de técnicos da sua confiança.

MARÉ VIVA — INTERESSA AOS TRABALHADORES

Reparações em instalações eléctricas
e em todos os electrodomésticos

ELECTRO PRONTO

MIRANDA & LEITE, LDA.

Venda de todo o material electrodoméstico e de baixa tensão
Rua 18 n.º 955 Telef. 923259 ESPINHO

Da Fraternidade Operária

— falam-nos **Kalidás Barreto,**
Carvalho Homem e José Penedos

Kalidás Barreto, que no último número do «Maré Viva» nos expôs a sua posição e a do Secretariado da CGTP sobre a actual fase do Movimento Sindical, esteve em Espinho, não na qualidade de dirigente sindical, mas como membro fundador da Associação de Cultura Socialista-Fraternidade Operária. Com ele, a orientar a primeira sessão-colóquio da Fraternidade Operária entre nós, estiveram Carvalho Homem e José Penedos, igualmente membros fundadores.

Daí que esta segunda parte da entrevista com Kalidás Barreto sobre a Fraternidade Operária não seja propriamente um depoimento individual, mas sim o resultado das declarações que Kalidás e os seus dois camaradas nos confiaram sobre a sua Associação.

Começemos por ouvir o que nos foi dito sobre os objectivos da Fraternidade Operária, sobre a sua inserção no espaço político nacional.

«As pessoas aderiram, de facto ou por opção, aos partidos e viram-se envolvidas por máquinas especialmente determinadas a vencer eleições. Foram intoxicadas por chavões ou palavras de ordem que lhes tiram a liberdade de espírito necessária para a reflexão sobre os caminhos que conduzem ao Socialismo. Foi aqui que nasceu o espaço para a Associação de Cultura Socialista-Fraternidade Operária.

Estamos portanto interessados na busca duma cultura socialista forjada na discussão dos problemas que dizem respeito ao Socialismo. Porque pensamos que não havendo essa discussão, o eleitorado continuará a não estar politizado e será presa fácil das campanhas da direita».

Em que medida têm tido correspondência os objectivos que se propõe a Associação?

«A Fraternidade Operária está a ter uma grande implantação, uma grande aceitação por todo o País e Espinho não vai por certo fugir à regra. Parece que estamos mesmo a bater na tecla certa. O próprio Secretariado Provisório está em dificuldades, pois não quer ver a Associação transformada num chapéu de chuva ou coisa semelhante. Interessam-nos unicamente as pessoas que estão de facto interessadas na discussão dos problemas do Socialismo, que querem discutir, ao fim e ao cabo, os problemas dos trabalhadores numa óptica socialista. Pessoas que acreditam que a Constituição se pode mesmo cumprir e que é possível criar neste país a Sociedade Socialista para que ela aponte».

A possibilidade da Fraternidade Operária se transformar em partido tem sido veiculada por certos sectores da informação, prevendo que essa tomada de posição poderia ter lugar no próximo Encontro Nacional. Os princípios acima enunciados desmentem todavia essa hipótese.

«Cremos haver pessoas realmente interessadas nisso, mas as que assim pensam não são membros da Fraternidade Operária. Será para elas uma decepção, mas o Encontro não vai resultar com certeza na criação do «PSOP» de que para aí se fala. Vai ser sim uma congregação de pessoas de boa fé interessados no Socialismo, que não precisam de gritar vivas ao Socialismo para serem efectivamente Socialistas.

Podemos também adiantar, com desgosto também para muita gente, que a Fraternidade Operária não é uma tendência organizada dentro do Partido Socialista, embora nela haja uma maioria de militantes do PS. A sua participação na Fraternidade Operária não interfere de modo nenhum com a continuidade da sua militância no Partido Socialista».

Que formas de actividade, que projectos? Como se arranja fundos?

«A nossa actividade tem assumido principalmente a forma de colóquios e de filmes-debate que continuarão a multiplicar-se. Pensa-se em criar uma mini-universidade livre onde os trabalhadores possam enriquecer-se culturalmente sob os mais diversos aspectos, técnico, político e económico. São também já uma realidade reuniões-debates com trabalhadores nas fábricas, embora haja algumas dificuldades na escolha dos horários óptimos que não interfiram com o período normal de laboração. Há já projectos também para a dinamização de campanhas sobre higiene, alimentação racional, nas fábricas e aldeias, com o apoio de médicos que pertencem ou não à Fraternidade Operária.

Até ver, os únicos fundos da Associação resultam duma quotização inicial de todos os membros de cem escudos, para além duma quota mensal. No encontro Nacional serão com certeza discutidas outras formas de realização de fundos. Para este efeito, e com o alargamento que se prevê das actividades da Associação, pensa-se na publicação de um boletim interno da Fraternidade Operária e, lá para Outubro, na edição duma revista que será vendida ao público e que permitirá resolver em parte este problema».

FESTIVAL DE JAZZ

— UM PREÇO MUITO ALTO

guras dum concerto de jazz, eles que de jazz quase nada fazem. Esta, a concessão mais flagrante, mas que se desculparia como meio dissimulado de mostrar o jazz que vinha atrás.

Apesar de tudo, a manifestação foi mesmo importante e bom seria que muito do que passa em Espinho, em termos de espectáculo, tivesse a qualidade que aqui houve. Mas...

Um Festival de Jazz não é (parece que não o é em muito) uma manifestação exclusivamente musical; pode ser, até muito mais, um fenómeno social de implicações que transcendem, pela sua importância, o fenómeno musical.

Porque um Festival de Jazz em Portugal tem um certo tipo de público muito bem definido. O público que está todos os anos em Cascais, que vai à Figueira, que veio desta vez a Espinho, da mesma forma que irá daqui a pouco a Vila Real. E esse público é exactamente o mesmo. Isto é: são as mesmas pessoas. É o que é um Festival de Jazz para a grande maioria desses «nómadas» do jazz ou rock, conforme os casos. É pouco mais do que um pretexto. Uma motivação. Uma motivação colectiva para o consumo de droga.

Isso esteve bem patente no último fim-de-semana. O consumo da droga fazia-se como a coisa mais banalíssima. Fumá-la, injectá-la, tudo se fazia com a maior das naturalidades. Como se o Festival de Jazz nem fosse Festival se a droga estivesse ausente.

A inacção das autoridades e da organização pareceu ser a atitude de quem estava perante um mal inevitável, incontornável. A droga esteve portanto omnipresente. Fez quase

Continuação da página 1

esquecer a música. Diz-se, com razão, que a droga não é mais do que um sintoma de doença social e que é a doença que se deve combater. De acordo. Mas o sintoma-droga é demasiado perigoso em si mesmo.

Dir-se-á que esse público trouxe a droga, mas levou-a consigo. Não foi bem assim. Alguma coisa ficou. Ficou o exemplo, esteve ali a oportunidade de muitos jovens que apenas vieram ver como era, iniciarem a sua carreira de drogados.

E pergunta-se: haverá necessidade de fazer circular pelo País esses núcleos assim concentrados?

Será lícito promover assim «campanhas de dinamização» do consumo da droga pela província quando nos estabelecimentos de ensino se fazem campanhas de esclarecimento e combate à droga?

Pergunta-se mais: não poderiam os cerca de 1500 contos (dizem) dispendidos pelas diversas instituições que financiaram a organização ser aplicados na valorização cultural e promoção turística de forma menos perigosa?

Espinho não ganhou nada em termos culturais, porque foram poucos os que se atreveram a meter-se naqueles domínios. Terá ganho alguma coisa em termos turísticos, em que só o nome da cidade foi promovido pela transmissão da RDP e pouco mais.

A Comissão Municipal de Turismo experimentou. Talvez tenha valido a pena, para que agora se possa pensar se os ganhos turísticos justificam tanto dinheiro e um preço social tão elevado. Para se ver se vale a pena repetir.

Talvez não valha.

MARÉ-RUA

ESPINHO - CIDADE QUE VANTAGENS?

Sim, que vantagens nos trouxe a elevação de Espinho a cidade? Foi esta a questão que escolhemos para hoje dado que, muito brevemente, se celebrará o feriado municipal, data que consagra a elevação da vila a cidade.

Foram várias as pessoas que ouvimos. Começamos pela D. Maria Filomena Graça da Silva, doméstica, que nos declarou:

«Creio que é uma questão de prestígio, unicamente. Sob o ponto de vista turístico as pessoas continuam a deixar-se atrair (ou não) por Espinho, quer esta seja vila ou cidade. Interessa, isso sim, criar condições sempre melhores para os turistas e para os habi-

tantes locais. Agora, o título que lhe for dado, virá por acréscimo...».

Seguimos com o nosso trabalho, após termos escutado as declarações solícitas da D. Maria Filomena. Foi a vez do Jorge Iglésias, estudante:

«Talvez no aspecto turístico... Talvez aí tenha influenciado para melhor a passagem de Espinho a cidade. Administrativamente não sei se a passagem a cidade terá implicado mais altos subsídios à Câmara. Se assim for, será mais um aspecto a ter em conta...»

E lá seguiu o Jorge ainda um pouco ensonado e com ideias ainda muito «congeladas» pela hora matutina.

Figuras, Figurinhas e Figurões...

O Paraíso Terrestre!

A máquina das patacas, a mina de ouro que nunca se esgota, um mundo envolto em espessas nuvens de cinzento fumo, os perfis empertigados, intocáveis dos empregados, os estômagos protuberantes, as goelas eternamente secas dos comendadores, prósperos empreendedores de lucrativos negócios, as curvas que se pretendem insinuantes, a voz esganiçada que quer cantar. Enfim um reino de felicidade, um paraíso de comodidades, um oásis na banalidade do quotidiano. E todos os homens, todo o vulgar mortal deve agradecer que um punhado de iluminados tenha criado ali, naquela povoação pacata, timidamente escondida no mapa, aquele negócio, aquele motor poderoso que trará todos os benefícios que a localidade necessita.

E não é um vulgar negócio, uma venda banal de tecidos a metro, de batatas a quilo, de vinho a litro ou a copo, é a venda em bandejas de prata da ambição, da obsessão pelo argentífero metal. É a venda da ilusão, empacotada nas notas musicais das orquestras, no tilintar de moedas no desvendar dum seminu entre rendas e cambraias.

Mas à frente de empreendimentos desta dimensão, deste alcance social, terão inevitavelmente que estar personalidades de indiscutível capacidade, de raro brilho. O dinâmico

Caldas e o invulgar e douto Messias são os pontas-de-lança, os pilares da obra que um poderoso e abastado empreendedor quis fazer nascer naquela localidade.

Enquanto Caldas, de tez morena e de andar delicadamente insinuante e decidido, segura firmemente as rédeas, abarrotando os cofres, jogando tal qual malabarista com dezenas e dezenas de contratos, de cifrões, de algarismos, de «deve» e «haver», de facturas, de recibos, despejando ordens sobre um numeroso grupo de escriturários contabilistas, porteiros, cozinheiros, empregados de mesa, guardas de lavabos, artistas que chegam e que partem, homens que controlam o ir e o vir das patacas, o douto Messias lança em avalanche, a fluência das suas palavras, o vigor dos seus pensamentos, dominando com virtuosa habilidade as entrelinhas dos decretos, dos artigos, dos parágrafos.

Assim prospera o negócio, assim ganha a povoação, que vê nascer paralelamente a majestosos palácios, humildes barracas para albergar os infelizes. Sim porque estes geniais indivíduos são profundamente altruístas, os seus projectos são o trampolim que permitirá àquela povoação entrar nos domínios do progresso e da felicidade.

Ouvimos em seguida o sr. Estevão dos Santos Espinha, guarda-livros, que afavelmente colaborou para o «Maré-Rua»:

«Eu não sou de cá, mas creio que tem sempre interesse um burgo ser elevado a cidade. Todos os centros que assim são promovidos têm mais possibilidades de desenvolvimento.

Eu sou retornado, moro cá e gosto muito de Espinho: é um meio pacato e relativamente pequeno onde nos podemos deslocar facilmente sem transportes públicos, perto de uma grande cidade, possuindo um bom e farto mercado e com mar, o que me agrada muito.

Agradecemos os elogios, como espinhenses que nos prezamos ser. Para fechar ainda as palavras do sr. Eduardo Augusto Ripas, motorista:

«Dá outra «classe» dizer que se vive numa cidade do que numa vila... Além disso Espinho sendo cidade tem logo mais projecção em todo o Portugal.

Acho importante sermos uma cidade e não uma vila!»

Agradecemos ao sr. Eduardo e fomos redigir para casa o «Maré-Rua» desta semana. Que fala de Espinho. Da cidade de Espinho. Em breve será o seu aniversário. Parabens, Espinho.

DESPORTO

Ouvindo PEREIRINHA

Continuação da página 7

tudo ignorar o fenómeno, isolar-se, tratando por isso regularmente nesta página de assuntos ligados com futebol. Esta semana, é a vez de falarmos com Pereirinha, o jovem defesa-central dos «tigres», que se tem salientado pela sua regularidade, pela segurança e determinação com que vem jogando ao longo da época.

«Comecei a jogar futebol nos juvenis do Sporting de Espinho, passando depois pelos juniores e seniores. Fui, contudo, impedido de jogar futebol cerca de um ano já que estive em Angola, prestando serviço militar, não podendo jogar pelo Espinho na I Divisão. Voltei já a equipa se encontrava de novo na II Divisão, tive convites do Gil Vicente e do União de Tomar, mas assinei pela equipa da terra. Quando comecei a minha preparação, já o campeonato estava a meio. Fiz um jogo e tive logo uma lesão que me manteve

inactivo durante três meses, voltando só no último desafio do campeonato. No começo desta época estava a suplente, mas trabalhei sempre e julgo que o treinador reconheceu o meu esforço, a minha subida de forma e deu-me uma oportunidade. A partir do jogo com o Limianos, para a Taça de Portugal, nunca mais deixei de alinhar como efectivo. Dou-me bem na posição que ocupo, fui sempre defesa, adaptando-me bem tanto como central como lateral».

Apesar de muito já se ter falado da carreira dos espinhenses no campeonato, Pereirinha terá uma palavra a dizer.

«Não sei por que razões, mas a verdade é que de início a equipa deu menos do que podia dar, o que veio influenciar a classificação final e impedir que tenhamos sido o campeão da zona. O Riopelle tem boa equipa, mas com um bocado de sorte podíamos ter ocupado o seu lugar. As equipas mais difíceis, mais bem preparadas que defrontamos foram o próprio Riopelle, o Famalicão e o Gil Vicente. Nos jogos com o Vilanovense e o Tirsense, já condenados à descida a perca de pontos deveu-se principalmente a um certo nervosismo que nos dominou. No final do campeonato, além deste nervosismo, sentiu-se também a quebra de forma física de alguns jogadores. Contudo e apesar do que se dizia todos temos feito tudo para ascendermos ao escalão maior do futebol. Entramos na «liguilla», com vontade, defrontamos um adversário difícil, a CUF, embora inferior às equipas de cabeça da zona Norte. A nossa vitória no Lavradio foi inteiramente justa, podia ter sido mais vantajada. O Estrela de Portalegre, não deixando de ser uma equipa com um perigoso contra-ataque, é a mais fraca das três, e no passado domingo acabou por sucumbir. Nesta semana temos um desafio difícil, a CUF virá descontrada, tendo uma palavra a dizer. Creio, todavia, que a nossa posição ficará resolvida neste desafio. A ver vamos!»

A carreira de futebolista profissional, como futuro ou como mera casualidade?

«Escolhi esta carreira pela força das circunstâncias, pois não tinha outro caminho a seguir. Já assinei por duas épocas, mas não me sinto realizado como futebolista, penso arranjar o meu emprego e, mais ano menos ano, deixar o futebol ou acumular como não amador».

Hóquei em Patins

Iniciados da Académica são Campeões Regionais



No passado sábado concluiu-se o campeonato regional de iniciados com a vitória final da AAE, contando por vitórias quase todos os jogos, já que tiveram apenas um empate. No derradeiro encontro estes jovens jogaram no pavilhão do Lima, frente ao Académico, tendo vencido e convencido por 7-3. Não assistimos ao encontro, mas na opinião de diversas pessoas que lá estiveram presentes, a AAE realizou na 1.ª parte uma exibição sensacional, principalmente o seu «maestro» Victor Hugo que esteve em tarde inspiradíssima tendo constituído um autêntico quebra-cabeças para os seus adversários, e confirmando tudo o que dele se tem dito. Portanto, os nossos parabéns a este exce-

lente grupo de jovens e ao seu treinador Marçal Duarte por mais este título conquistado para o hóquei em patins espinhense e para a AAE.

Também terminou no passado sábado o campeonato regional de juniores, tendo a equipa da AAE ficado classificada em 4.º lugar, ao vencer no último encontro também a do Académico no Porto, por 1-0. Se tivermos em conta o valor dos seus adversários e todas as contrariedades por que a equipa passou, sem dúvida que a classificação obtida foi excelente. Só o extraordinário querer e espírito de sacrifício dos jogadores e do seu treinador, dr. Virgínio Pereira, possibilitou a obtenção desta classificação. Para eles as nossas felicitações.

CÂMARA MUNICIPAL DE ESPINHO

EDITAL N.º 42/77

Artur Pereira Bártolo, Presidente da Câmara Municipal do Concelho de Espinho:

Faço público que de acordo com as normas aprovadas pelo Decreto-Lei n.º 512/75, de 20 de Setembro, com as alterações introduzidas pelo Decreto-Lei n.º 249/76, de 19 de Abril, que regulam o concurso para atribuição do contingente de licença para o exercício da Indústria de Transportes de Aluguer de Automóveis ligeiros de passageiros da freguesia de Anta, com o local de estacionamento no lugar de Altos Céus, a que se procedeu de acordo em o Edital n.º 28/77, de 18 de Abril de 1977 e em conformidade com a deliberação tomada por esta Câmara em sua reunião ordinária de 16 também daquele mês de Abril, que é publicada, por este Edital, a lista de classificação definitiva do único concorrente àquela vaga, de acordo com a lista provisória constante do Edital n.º 36/77, de 23 de Maio passado e que é o Senhor José de Oliveira.

E, para constar, se passou este e outros de igual teor que vão ser afixados nos lugares do estilo e publicados nos Jornais «Defesa de Espinho» e «Maré Viva».

Espinho e Paços do Concelho, 7 de Junho de 1977.

FUTEBOL

S. C. ESPINHO - G. D. CUF

Continuação da página 7

valeu a pena a reconciliação que os adeptos espinhenses fizeram com a equipa e o treinador (lembram-se?) no jogo com o Tirsense.

Mas a subida foi mesmo merecida por toda a gente que a tornou possível: Meireles, os manos Gonçalves, João Carlos, Reis, Gomes, Pereirinha, Raul, Malagueta, Serrão, Vaqueiro e todos os outros que fizeram esta equipa. Merecem-na o massagista, o médico, os

dirigentes e o público espinhense, que deu um grande empurrão nestes homens. E merece-a Mário Morais, treinador aplaudido, contestado, controverso. Diz-se por aí que qualquer outro treinador teria levado a equipa a este triunfo. Todos não, mas TALVEZ houvesse outros que o fizessem no lugar deste. Mas que Mário Morais conseguiu mesmo parece que já não há dúvidas.

VISTA OS SEUS FILHOS
NA

BOUTIQUE MI

Rua 62 n.º 113 - ESPINHO

Modas
MENDES
LanifíciosRua 16 n.º 683
Telef. 920168 ESPINHOISAURA
CABELEIREIRA

Rua 16 n.º 752 - ESPINHO

Quiosque Subterrâneo

Jornais - Revistas - Tabaco

A SUA MÃO

na passagem sob a via férrea

CAFÉ E RESTAURANTE
COPÉLIAAlmoços e Jantares
Serviço à lista
Especializado em
Casamentos e Baptizados
Grande variedade de
Petiscos
Rua 23 n.º 808 - ESPINHO

DESPORTO

FUTEBOL

S. C. ESPINHO, 2 - G. D. CUF, 0

João Carlos, o pequeno gigante numa verdadeira equipa

S. C. Espinho — Serrão I; Gomes, Pereirinha, Gonçalves I e Raul; Meireles, (Alemão, aos 75 minutos), João Carlos (Gonçalves II, aos 73 minutos) e Vaqueiro; Serrão II, Reis e Malagueta.

G. D. CUF — Castanheira; Vieira, Esteves, Frederico (Jorge Antunes, aos 25 minutos) e Cruz; Carlos Manuel, Quaresma e Araújo; Jorge Manuel, Eduardo (Simões, aos 45 minutos) e Venâncio.

Árbitro — Castro Sousa (Coimbra)

1-0, aos 6 minutos. Metido em profundidade na grande-área da Cuf, Reis pareceu ter o lance perdido. Mas a sua insistência permitiu-lhe ganhar um ressalto e rematar com o pé esquerdo, rasteiro, batendo Castanheira.

2-0, aos 19 minutos. Começou tudo em Malagueta, sobre o lado direito, a meio campo. Passe para o miolo para João Carlos, depois para Serrão II e finalmente para Reis, que arrancou em estilo idêntico ao primeiro golo, rematando para o mesmo sítio, mas desta feita com o pé direito. Tudo muito rápido e bonito.

Dia de chuva, dia de vento e dia de festa. Festa que começara muito antes do jogo, apesar do tempo não ter colaborado. Festa que era inevitável, de tal modo estavam os adeptos espinhenses convencidos de que a vitória não fugiria.

Faltava convencer a Cuf. Foram só precisos vinte minutos.

Era um jogo que pedia sacrifícios, um jogo que não podia ser bonito, porque o vento estragava quase tudo. A jogar a favor do vento, foi o Espinho quem conseguiu fazer com que o futebol de conjunto, o futebol consequente aparecesse de vez em quando. E isso valeu-lhe o triunfo, os golos e a I Divisão.

A bola pelo ar, os passes transviados, as jogadas de choque, esta toada desagradável e enervante

durou todos os 90 minutos. Com exceções, as tais em que os espinhenses punham a bola no chão e mostravam que, mesmo naquelas circunstâncias, o bom futebol era possível.

Estes lampejos apareceram muito naturalmente em maior quantidade na primeira do que na segunda parte. Porque nesta altura a vitória ia-se fortalecendo com o tempo a passar e porque a Cuf, embora sem grande convicção, também tentou mudar os acontecimentos.

Mas a verdade é que a vitória nunca chegou a estar em perigo. Pelo contrário, foi o Espinho quem podia ter marcado mais vezes. Valeu Castanheira (bom guarda-redes), o poste por uma vez e a fortuna em muitas outras para que o resultado não fosse mais

desnívelado. O que até nem era preciso e, vá lá, até seria injusto para a bem arrumadinha (só isso) equipa da Cuf.

Não nos é muito grato ter de nesta altura de fazer referências individuais, o que poderá parecer injustiça para todos os jogadores espinhenses que deram tudo o que tinham dentro de si. Mas não resistimos a falar de João Carlos que fez uma exibição verdadeiramente espantosa. Um verdadeiro espanto mesmo, ver-se como aquele pequeno-grande jogador correu o campo de lés a lés sem parar. Sempre, sempre a correr, a defender, a roubar as bolas aos adversários e lançar a equipa logo para o ataque. No futebol-sacrifício e no futebol bem jogado ele lá estava, o lutador e o jogador. E como ele lutou! Como ele jogou!

O mesmo não se poderá dizer do árbitro, que se mostrou muito bem disposto, tratando os jogadores como meninos de escola, mas que errou mais do que se poderia admitir. Muitas vezes nos fora-de-jogo (muito mau o auxiliar da bancada) e uma vez numa falta na grande área sobre Reis. Não foi daqueles penalties espetaculares, com o jogador a dar duas voltas no ar, mas que houve falta, houve mesmo.

* * * *

Foi assim que depois de 33 jogos, o Espinho regressou à I Divisão. Uma I Divisão que chegou a estar muito longe, mas que se foi tornando uma possibilidade até à realidade. Custou um bom bocado, mas parece que ao fim e ao cabo,

continua na página 6

Entrevista

da Semana

PEREIRINHA

A confirmação

que veio este ano!

O futebol é a forma mais popular de desporto em todo o Mundo, pelos praticantes que motiva e, principalmente, pelos espectadores, pelos adeptos que cativa. É, portanto, um espectáculo que faz correr rios de dinheiro, que diverte mas simultaneamente provoca o fanatismo, a violência. Por tudo isto é tema obrigatório das conversas de muitos, na mesa do café, no balcão da taberna, nos próprios locais de trabalho. E quando a equipa da terra anda na



mó de cima, colecionando vitórias, fazendo boa figura, o entusiasmo contagia-se, propaga-se, a euforia parece querer rebentar.

A carreira do Sporting de Espinho, a sua posição no Torneio de Competência para os segundos classificados das três zonas da II Divisão, a possibilidade de retorno ao escalão principal do «chuto na bola», para convívio com clubes onde o dinheiro não tem limites, onde as vedetas e as pseudo vedetas abundam, fazem deste desporto-espectáculo um assunto sentido e falado por muitos.

Daí que «Maré Viva», não pretendendo entrar em certos caminhos que condena, não pode con-

continua na página 6

Futebol de A a Z

PROFISSIONALISMO — O profissionalismo chegou ao futebol no dia em que se abriu uma bilheteira num campo. O espectáculo atraía tanto público que se tornou inevitável a sua montagem em termos empresariais, sentindo-se o artista com direito a participar na receita que o seu esforço motivava.

Até aqui, vamos lá. Em toda a parte, deve haver, juntamente com o desporto de massas e como sua cúpula, um desporto de elite para os superdotados, porque sempre da quantidade se extrairá a qualidade. A verdade, porém, é que esse desporto profissional, também por toda a parte, facilmente se desvirtua, ignorando as suas raízes desportivas para enveredar por um mercantilismo que tende a tornar cada vez mais restrito o número de praticantes e cada vez maior o número dos chamados «desportistas de bancada».

Desenho de João Martins
Texto de Carlos Pinhão



MAIÉ VIVA

Camões Incompreendido

Luis Vaz de Camões. Um «pobre diabo» ou um «génio imortal» da literatura portuguesa?

Para uns, uma figura controversa.

Para outros, uma figura mais que controversa.

Para uma maior parte, controversas são as razões que o aproveitaram para dar dele o exemplo de Pátria, de Nação, de História, de Alma Lusitana!

E aí temos um homem simples, vivendo a sua época de contrastes e de insegurança (o reinado de D. Sebastião) transformado, séculos depois naquilo que ele nunca procurou: a glória, a majestade, o esplendor, a estátua!

Camões viveu amargurado, passou fome, bebeu nas tasca lisboetas, andou na guerra!

No meio de tudo isto, Camões escreveu versos! Foi poeta!

Ser poeta, nessa época, era ser de outro mundo! Era motivo de chacota e de curiosidade (os reis chamavam os poetas para o seu paço, quando se cansavam dos bobos da Corte).

Mesmo assim, Camões teimou e foi poeta. Camões tinha de ser poeta! Era mal ajeitado nas outras profissões. Como soldado, chegou a perder um olho em pleno campo de batalha, esse desastrado!

Cheio de fome, andrajoso, doente, as perspectivas que se lhe abriam em cada novo dia eram cada vez mais sombrias!

Crescia no seu sangue um grito de inconformismo, passava nas ruas da capital o seu desprezo pela burguesia que lhe acenava o lenço da piedade ou da louvinhação piegas.

Camões foi ele próprio! Um português explorado, nunca compreendido, morto na flor da sua vida madura, no meio da miséria.

E como tantas vezes acontece, foi depois de morto que as atenções se viraram para Camões!

De «pobre diabo» passou a «génio»!

Camões recuperado pela burguesia que sempre detestara!

Camões épico, em vez de Camões lírico!

Camões soldado, em vez de Camões poeta!

Camões injectado nas crianças, como óleo de fígado de bacalhau. Camões para as crianças portuguesas metido no livro escolar. Em forma de Lusíadas. Em forma de divisão de orações, de figuras de linguagem, metáforas, sinédoques e coisas assim. Camões chato. Camões razão invocada para desaires nos exames do 5.º ano. Camões detestado. Camões vomitado.

Tudo o que não foi Camões. Um poeta autêntico, um poeta inconformado e progressista («Mudam-se os tempos, mudam-se as vontades / todo o Mundo é composto de mudança» — escreveu ele).

Quando mudará para Portugal, a figura de Camões?

Então não continuamos a celebrar o «10 de Junho» (o dia que lhe é dedicado) com desfiles militares, chaimites, a GNR a cavalo, as tribunas com as «autoridades civis e militares»?

Então não continuamos a ler «Os Lusíadas» com a preocupação dos complementos circunstanciais, do nome predicativo do complemento directo, das metonímias e das paragoges?

Camões não é Portugal!

Camões não é «Os Lusíadas»!

Camões não é só o «épico»!

Camões é o que está para vir. É o futuro. É a fuga do dia de ontem!

«O dia em que nasci, morra e pereça/não o queira mais o Mundo dar».

O progressismo está na obra de Camões!

Assim os portugueses o entendam. Basta lê-lo «a sério». Não apenas poema épico. Mas também o soneto de amor. Não apenas o soldado. Antes o homem, exilado, fugido, naufragado.

Antes o homem... Antes o homem...

De como a pidae

prende Camões...

Corria o ano de 1968. Era um dia chuvoso de Novembro.

Com alguns colegas de curso, revia a matéria de Química Orgânica, preparando uma frequência a efectuar dali a dias!

Súbito, batem à porta fechada do quarto alugado em que vivia, na Rua do Teodoro, em Coimbra.

A Dona Alice, ofegante, anunciava-me a presença de um inspector da PIDE! Era mais uma visita àquela casa onde viviam treze estudantes. Era, no entanto, a primeira que me faziam, seu hóspede recente.

Aberta a porta entraram três homenzarrões sinistros. Um deles, de bengalinha e chapéu de abas largas sobre os óculos negros, era o «chefe».

«Apreendemos este?» — e levantavam até aos óculos do chefe o «Como fazer versos» de Maikowsky.

«E este, apreendemos?».

E iam levantando e amontoando nos braços uma mistura de Lorca, Neruda, Sthendal, Cal-

dwell, Balzac, Namora, Ângela Davis, Cardoso Pires, Josué de Castro, etc. Uma grande parte da minha pequenina biblioteca, em que eu depositava todo o meu orgulho...

«Apreendemos este?».
Até aí mudo, apenas acenando pesadamente a cabeça de cima para baixo, o «chefe» explodiu:

«Já vos disse lá fora para apreenderdes todos os livros «vermelhos» existentes nesta casa!»

Este grito assustou os agentes da PIDE, que, sem perguntas, iam retirando mais livros das estantes!

E foi então que a PIDE levou Camões para o Governo Civil!

As capas de «Os Lusíadas» eram vermelhas e os homenzinhos, provavelmente iniciados na «arte» de apreender, tinham levado «à letra» aquele «vermelhos» gritado pelo chefe.

Não houve tempo para protestar! Quando eu quis dizer-lhes que Camões não era comunista, já Camões ia a caminho do Governo Civil, num carro «celular».

Nunca mais o vi...

Espectáculo Coral e Coreográfico

Sábado, 18 de Junho de 1977

às 21,30 horas na

ESCOLA INDUSTRIAL E COMERCIAL DE ESPINHO

— CORO E GRUPO COREOGRÁFICO DA COVILHÃ
— CORO DE ESPINHO

Organização da NASCENTE e Academia de Música de Espinho

Preços — 20.00 — Sócios da Nascente 10.00



PORTE
PAGO

Ilídio Martins da Silva
R: 33 - Bº Moderno-Espinho